

REFLEXÕES SOBRE O PROJETO PEJA

Alessandro Eleutério de Oliveira¹, Alessandra Santos Nascimento², Rita de Cássia Ferreira³

¹Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” /Departamento de Didática, Rodovia Araraquara-Jaú Km1, Araraquara/SP, academix06@hotmail.com

²Idem/Departamento de Antropologia, Política e Filosofia, Idem, alesantosnas@yahoo.com.br

³Ibidem/Departamento de Ciências da Educação, Ibidem, ritacassiaferreira@yahoo.com.br

Resumo – Esse trabalho pretende realizar algumas reflexões acerca de nossa participação em um projeto de extensão universitária de Educação de Jovens e Adultos denominado PEJA nos anos de 2001 e 2002. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa no âmbito da Pesquisa-Ação correlacionada à iniciação da prática docente. Percebemos que os educandos ampliaram consideravelmente o domínio da leitura e da escrita durante aulas que se inspiraram em grande medida no ideário de Paulo Freire de educação. Desse modo, o processo pedagógico é concebido como uma prática de liberdade que leva em consideração a constituição plena dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Extensão Universitária. Ensino-Aprendizagem.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

O presente trabalho ambiciona realizar algumas elucubrações sobre nossa participação no Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) como monitores-alfabetizadores no decorrer dos anos letivos de 2001 e 2002. Existente desde o final do ano 2000, esse projeto é financiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX) e tem como finalidade fornecer uma contribuição para a erradicação do analfabetismo no Brasil. Na cidade de Araraquara, no referido interregno de tempo mencionado, o PEJA atuou em parceria com a Escola Estadual João Pires de Camargo, do Bairro Melhado, e com o Centro de Assistência Social, do Bairro Yolanda Ópice, sob a coordenação da Professora Doutora Roseana Costa Leite (do Departamento de Ciências da Educação da UNESP de Araraquara).

A proposta pedagógica do PEJA não se limitava ao processo de alfabetização, mas levava em conta o processo educativo como uma edificação coletiva que concebe educandos e educadores como seres dotados de raízes espaço-temporais, levando em conta a aptidão ontológica do homem não como objeto, mas como um sujeito histórico, cujas potencialidades intelectuais devem ser estimuladas concomitantemente com o despertar de uma consciência crítica e comprometida com a realidade na qual irá interagir ativamente (FREIRE, 1984). Nessa orientação, objetivávamos a criação de um espaço democrático de construção e de reconstrução dos saberes humanos constituídos ao longo dos tempos.

Procedimentos metodológicos

A partir dessa premissa freiriana, o PEJA de Araraquara desenvolveu suas atividades a partir de uma práxis pedagógica de orientação qualitativa inspirada na Pesquisa-Ação. Ou seja, ao mesmo tempo em que os monitores-alfabetizadores (bolsistas e voluntários) realizavam atividades professorais (docência, planejamento e confecção de materiais didáticos), refletiam criticamente sobre suas práticas em sala de aula, que constituíam um campo para investigação em Educação de Jovens e Adultos. Além de capacitações semestrais que congregavam todos os núcleos do PEJA existentes nos diversos Campi da UNESP, os monitores-alfabetizadores participavam de eventos científicos, como ministrantes e/ou ouvintes de debates, mini-cursos e palestras. Igualmente apresentavam e publicavam trabalhos cujos variados temas foram abstraídos da própria dinâmica de ensino-aprendizagem protagonizada por discentes e docentes durante a efetivação do projeto.

Essa efetivação ocorria em várias fases. Inicialmente tivemos de obter um espaço físico para a realização das aulas, o que constituiu um problema inicial, já que as salas não funcionariam no Campus e sim em bairros da cidade no período noturno. Isso foi solucionado com o auxílio da escola e do centro comunitário que forneceram as instalações necessárias. Após isso, divulgamos o projeto por meio de cartazes e pela mídia local. Ao término do período de inscrições – no qual entrevistávamos os interessados para a obtenção de uma avaliação diagnóstica de domínio de leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático –,

optamos pela criação de dois grupos que denominamos Módulos I e II. No primeiro foram contempladas as pessoas que nunca haviam freqüentado a escola, e as que possuíam muitas dificuldades de leitura, escrita e de formalização do raciocínio lógico-matemático. Ao segundo direcionamos os alunos que possuíam em certa medida o domínio da leitura, da escrita e da formalização do raciocínio lógico-matemático.

É imprescindível acrescentar que a avaliação diagnóstica possuía perguntas sobre situações que envolviam conteúdos de matemática e língua portuguesa. Nada obstante, para realizarmos a separação dos alfabetizando em módulos, privilegiamos a relação dos mesmos com a língua portuguesa, por constatarmos que grande parte do público dominava cálculos mentais. Optando pelo critério citado, tivemos como resultado deste processo duas salas de Módulo I, uma no Bairro Melhado e outra no Bairro Yolanda Ópice, e uma sala de Módulo II, também no Melhado. No decorrer do ano letivo alguns alunos foram transferidos de um módulo para outro segundo seu desempenho.

Com a dificuldade da demanda solucionada, foi necessário definir quais seriam os três monitores-alfabetizadores que iriam para as salas de aula, já que todos desejavam participar desta experiência docente de maneira efetiva. Várias contendas ocorreram sobre como proceder, o que acarretou o surgimento de diversas propostas sobre como seria concretizado o trabalho. Por fim, decidimos que haveria um monitor em cada sala, um que desempenharia as tarefas administrativas e outro para trabalhar como apoio pedagógico.

Todavia, com o surgimento de dificuldades advindas da conciliação da vida acadêmica e das atividades do PEJA, esta organização foi alterada. A monitora responsável pelas questões administrativas passou a lecionar aulas de matemática do Módulo I no Yolanda Ópice e do Módulo II no Melhado, o que contribuiu para resolver o problema mencionado. Ressaltamos que essas aulas de matemática ocorriam dentro da lógica interdisciplinar que transpassava o projeto como um todo. Nesse sentido, a monitora realizou atividades de docência a partir de uma perspectiva de interpretação filosófica em confluência com as técnicas operatórias. Nesta perspectiva, o intercâmbio com os monitores-alfabetizadores que focavam suas práticas em língua portuguesa e ciências humanas era muito mais profícuo.

Resultados

Paulatinamente, educandos e educadores consolidaram uma práxis educativa erigida não apenas na obtenção e/ou na ampliação dos códigos da leitura e da escrita, mas também na

construção e no entendimento do ideário cidadão, a partir de uma organização reflexiva do pensamento por meio da construção coletiva e democrática de procedimentos metodológicos ativos, dialógicos, críticos e criticistas (FREIRE, 1984). Ou seja, juntamente com a apreensão de conteúdos formais, buscamos estimular uma “autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto” (FREIRE, 1984, p. 73).

Isso posto, percebemos que os alunos – dentro de suas especificidades e ritmos individuais – desenvolveram um crescente domínio da leitura e da escrita, além de terem aumentado consideravelmente a sua auto-estima. Isso era evidente quando os educandos se manifestavam sobre as mudanças que a vida escolar acarretavam em seus cotidianos.

Por suposto, isso não se deu de modo homogêneo. Percalços de natureza socioeconômica – como casos em que as pessoas eram obrigadas a abandonarem as aulas para trabalharem no período noturno – e de natureza familiar – problemas de saúde, cuidados com os filhos e relação marital etc. – eram intermitentes e recorrentemente intransponíveis.

Perante as referidas adversidades buscávamos estimular os alunos no sentido de compreenderem cada vez mais lúcida e criticamente o mundo que desvendavam no processo educativo enquanto sujeitos de seu próprio aprendizado.

Discussão

De acordo com Freire (2005), instruir não é sinônimo de transferência de conhecimento, como se o professor depositasse o saber historicamente erigido nas mentes de alunos concebidos como receptáculos vazios. O PEJA buscou afastar-se dessa concepção conservadora de educação e, a despeito de erros e de equívocos cometidos durante nossa participação no projeto, em muitos aspectos conseguimos atingir nossos objetivos como monitores-alfabetizadores. Ou seja, aprendemos que ensinar exige respeito às idéias, às experiências e aos saberes de cada educando. Outrossim, exige bom senso, humildade, alegria, curiosidade, conhecimento e esperança. Exige que o docente perceba-se como um eterno educando, que sempre poderá retirar de sua prática pedagógica elementos que a transformará, enriquecendo-a continua e indefinidamente.

Considerações finais

A partir de uma abordagem que privilegiou as vivências dos educandos, assim como a revisão da utilização de metodologias tradicionais, os alunos restauraram a auto-estima perdida em experiências anteriores frustradas de

escolarização em outros momentos de suas vidas. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que nós, na ocasião monitores-alfabetizadores universitários, adquirimos subsídios para a preparação do trabalho referencial ao qual nos propomos, marcado principalmente pela percepção de que a prática e a teoria a serem desenvolvidas não consistiam na alfabetização como um fim por si só. Isso quer dizer que a práxis pedagógica abarcava o entendimento da alfabetização como uma etapa. Etapa esta que integrava mais um momento essencial do processo de uma educação concebida como uma prática de emancipação do sujeito.

Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____ **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.